

# BOAS PRÁTICAS

## Artigos na prateleira

Membros da Academia Chinesa de Ciências manifestaram preocupação depois que uma reportagem da revista *Science* denunciou um esquema no país de comercialização de autorias e artigos científicos para publicação em revistas indexadas. “Alguns pesquisadores estão conseguindo publicar bons *papers* em periódicos de alto impacto, mas eles nem sequer sabem sobre o que seus artigos falam”, disse Cao Zexian, professor do Instituto de Física da academia, em Pequim, temendo que realizações de pesquisadores do país passem a ser alvo de desconfiança depois da denúncia.

Ao longo de cinco meses repórteres chineses, passando-se por cientistas ou alunos de pós-graduação, procuraram 27 empresas chinesas suspeitas de vender autorias de artigos já prontos. Vinte e duas delas ofereceram serviços fraudulentos. No *site* Sciedit, especializado em editoração científica, uma das empresas chegou a anunciar, “É inacreditável: você pode publicar artigos científicos sem precisar fazer experimentos”. Outra empresa flagrada foi a Wanfang Huizhi, que atuava como intermediária entre pesquisadores que tinham artigos aceitos para publicação e cientistas que precisam publicar. Segundo a revista, os interessados chegam a desembolsar até US\$ 26 mil para ter o nome em um artigo – valor superior ao salário anual de muitos professores assistentes na China.

A Wanfang Huizhi ofereceu a um dos jornalistas uma vaga de copríncipe autor em um *paper* sobre câncer por US\$ 14.800. O artigo foi publicado semanas depois no *Journal of Biochemistry & Cell Biology*, apresentando dois autores principais, sendo que

um deles não tinha histórico de produção científica. Joanna Kargul, editora-chefe do periódico, disse à *Science* que, normalmente, se novos autores são incluídos nos *papers*, o autor principal deve explicar a mudança ao editor: “Isso não aconteceu com o artigo sobre câncer. E a mudança de autoria não foi percebida pelo nosso radar de revisores”.

Para Hans-Joachim Schmoll, editor da revista *OncoTargets and Therapy*, que também recebeu um artigo suspeito, muitos editores já estão se esforçando para avaliar com mais rigor o fluxo de artigos vindos da China. “Não conhecemos muito as universidades de lá, nem as clínicas e as instituições”, disse. A China é um dos países que mais publicam artigos científicos no mundo. O número de artigos chineses no Science Citation Index disparou de 41.417 em 2002 para



DANIEL BUENO

193.733 em 2012, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Assim como ocorre em muitos países, na China quem consegue publicar em inglês em revistas com fator de impacto elevado tem mais chance de obter promoções e financiamento.

## Imagens fraudadas

A revista *Nature Medicine* cancelou de seus arquivos um artigo sobre esclerose múltipla publicado em 2010 e assinado por pesquisadores da multinacional farmacêutica GlaxoSmithKline (GSK). Uma investigação feita pela empresa em junho apresentou evidências de manipulação de dados. Um dos autores do trabalho, o chinês Jungwu Zang, havia sido demitido sete meses atrás, mas se recusava a assinar uma declaração se comprometendo a colaborar com a revista. Zang, que dirigia o centro de pesquisa em doenças neurodegenerativas da GSK na China, acabou por assinar o documento em dezembro, junto com oito cientistas da empresa e do Baylor College of Medicine,

no Texas, Estados Unidos. O artigo detalhava a função de duas substâncias, o receptor de interleucina-7 (IL-7R) e o T-helper 17, em esclerose múltipla e continha imagens de amostras de sangue de indivíduos saudáveis e pacientes com a doença. Uma das imagens apresentava amostras de sangue de indivíduos saudáveis, mas era legendada como proveniente de pacientes com esclerose múltipla.

Os autores também são suspeitos de duplicar outra imagem, apresentada como dois resultados diferentes do estudo. Os pesquisadores alegam que houve falha no processo de edição da revista. Em nota, a GSK lamentou o ocorrido e confirmou as irregularidades nas imagens.